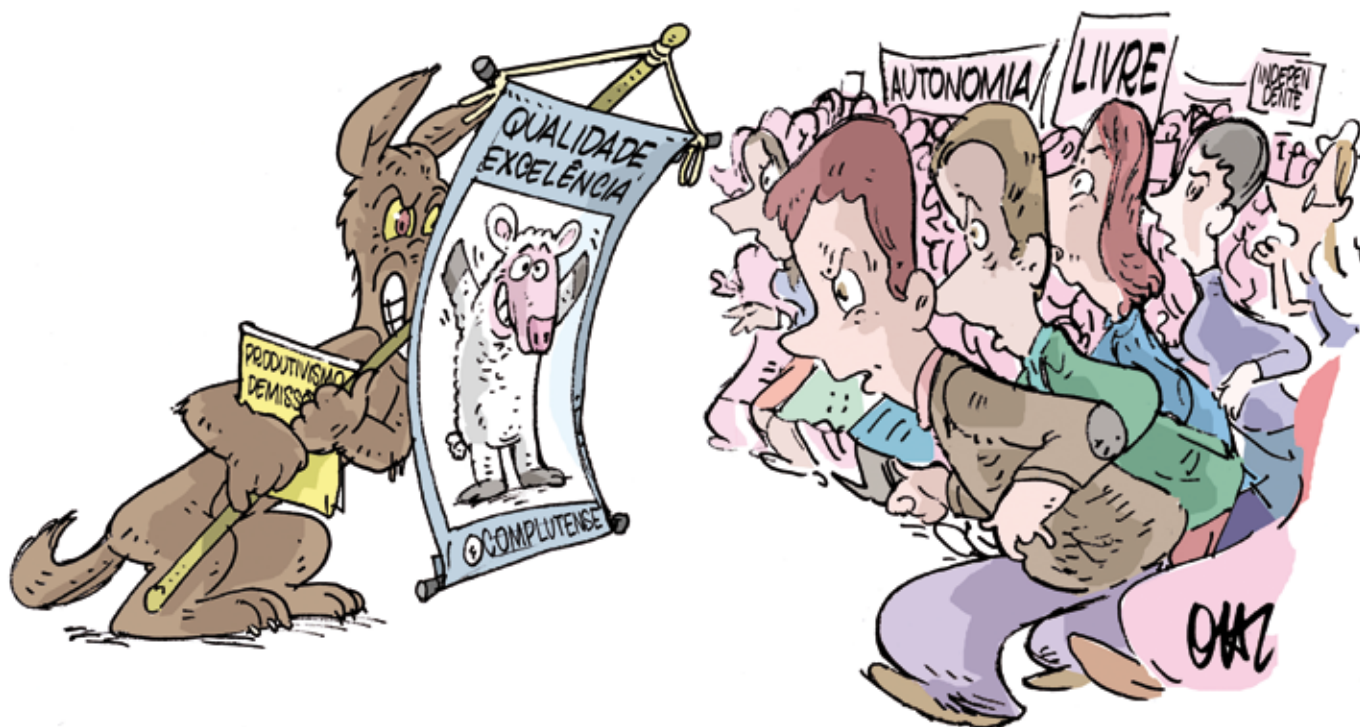


COMPLUTENSE DE MADRI E “MANIFESTO ACADÊMICO”, TRAÇOS COMUNS DA CRISE GLOBAL NO ENSINO SUPERIOR¹

Eva Aladro Vico² (ealadro@ccinf.ucm.es)

Tradução: Pedro Estevam da Rocha Pomar



O plano de reestruturação da Universidade Complutense de Madri (UCM) anunciado em 2016 era um “terremoto” organizativo e administrativo. Sua finalidade proclamada era racionalizar recursos e aumentar a eficiência e excelência da UCM, mediante a supressão da estrutura articulada dos Departamentos e Faculdades. Porém, na realidade foi uma virada em direção a uma filosofia gerencialista e competitiva da universidade pública. Ao final de um forte movimento de resistência foram mantidas todas as nove faculdades inicialmente condenadas a desaparecer

O “Manifesto Acadêmico” chegou à Universidade Complutense de Madri (UCM) na primavera de 2016, em meio ao anúncio de um gigantesco Plano de Reestruturação dessa lendária universidade espanhola, que previa eliminar nove das suas 26 faculdades, uma delas a Faculdade de Filosofia, onde José Ortega y Gasset, o célebre filósofo, tinha sua cátedra nos anos 20 do século passado.

Na troca de mensagens iniciada entre os professores após o anúncio de cortes e reestruturação geral, um professor titular da Faculdade de Geologia, condenada a desaparecer, repassou aos membros da “Plataforma para a Reestruturação da UCM” uma cópia em inglês do “Manifesto”, que decidimos traduzir para o espanhol para que fosse acessível a toda a comunidade acadêmica complutense.

O processo de reestruturação na Universidade Complutense anunciado em 2016 era um terremoto organizativo e administrativo, que punha “de pernas para o ar” a organização do centenário centro universitário. Os objetivos do plano, com a redução do número de Faculdades e Departamentos, eram cortar os gastos com pessoal administrativo e de gestão e, criando um *design* megalomaniaco de universidade, economizar igualmente na contratação de novos professores. Uma das “ideias” era criar uma imensa Faculdade de Ciências da Saúde, que aglutinaria as atuais faculdades de Medicina, Enfermaria,

Odontologia e Óptica, numa instituição que acolheria mais de 10 mil estudantes.

Apresentou-se um plano acadêmico cuja finalidade seria racionalizar recursos e aumentar a eficiência e excelência da Universidade Complutense, mediante a supressão da estrutura articulada dos Departamentos e Faculdades. Porém, longe de todo possível objetivo acadêmico, o plano era na realidade a culminação de uma virada em direção a uma filosofia gerencialista e competitiva da universidade pública, maltratada, na Espanha, pela virulência da crise econômica e submetida a uma perda geral de critérios e horizontes. O “Manifesto Acadêmico” veio a descrever com total exatidão o que estava sucedendo e o que iria suceder no futuro.

O reitor eleito da UCM no ano anterior a essa crise, supostamente um simpatizante da esquerda, alinhou-se com rapidez às posições do governo regional de Madri, de direita conservadora, governo cujas decisões ao longo do seu extenso domínio temporal implicaram cortes, falta de apoio e descaso generalizado quanto ao valor e à importância da universidade pública no conjunto das universidades da região. Até 2018, a estratégia do governo regional e do governo central da Espanha, ambos em posições tradicionais de direita, foi a de favorecer as universidades privadas e reduzir o peso das universidades públicas nos orçamentos do Estado.

No processo de debate no qual muitos professores se envolveram, o “Manifesto Acadêmico” serviu para ajudar a estabelecer um clima crítico de opinião. No “Manifesto” pudemos reconhecer nosso próprio Lobo gerencial: os cortes, os ataques aos dissidentes, o mau uso dos índices etc.

O reitor da UCM, frente à contestação imediata de seus planos, iniciou uma estratégia de fabricação de consenso que, até agora, obteve um êxito muito relativo. Na UCM a estrutura colegiada em Departamentos, Congregações³ e *Claustro* (a principal câmara de decisão democrática da universidade) protege a autonomia universitária de decisões arbitrárias tomadas pela Reitoria.

A oposição de acadêmicos e funcionários administrativos à reestruturação na Complutense adquiriu a forma de um movimento ativista mediante redes e correios eletrônicos, na “Plataforma para a Reestruturação da UCM”, que organizou cobertura de mídia, manifestos e comunicados, reuniões e ações de rua, com considerável êxito. O processo foi notícia de primeira página em diários nacionais e TVs. No processo de debate e argumentação, no qual muitos professores se envolveram, o “Manifesto Acadêmico” serviu para ajudar a estabelecer um clima crítico de opinião, para chegar a todos os profissionais da universidade, e para mostrar como em amplas áreas da Europa se estava vivendo o mesmo processo. No conteúdo do “Manifesto” pudemos reconhecer nosso próprio Lobo gerencial: os cortes, as manobras de manipulação, os ataques aos dissidentes e acusações de “deslealdade” e toda a degeneração prévia do sistema quantitativista de medição de resultados, pressão pela excelência, mau uso dos índices etc.

Um dos principais sindicatos de professores (USO) difundiu o “Manifesto” por toda a comunidade universitária complutense, de mais de 20 mil pessoas entre todos os setores. Os sindicatos jogaram um papel importante somando-se às comunicações e manifestações, ainda que posteriormente seu silêncio tenha servido para facilitar o “plano oculto” de reestruturação pactuado fundamentalmente com muitos decanos. A situação evoluiu de uma

maneira que não podemos qualificar de negativa. Das nove faculdades cuja supressão estava prevista, no outono de 2016 o Vice-Reitor de Planejamento anunciou que somente se suprimiriam quatro. Finalmente, e no curso das novas eleições de reitor, não foi suprimida *nenhuma sequer*, das faculdades condenadas a desaparecer.

O processo tomou uma forma que é muito interessante descrever aqui, atualizando os dados deste Informe Internacional. Uma vez que a estratégia de oposição culminou em fazer aflorar o assunto na mídia e imprensa, a posição da Reitoria foi dupla. Primeira, apresentar à opinião acadêmica uma face mais amável, suavizando os planos. Outra, começar negociações e pactos dos quais surgiu um “plano oculto” cujo resultado foi a fusão de Departamentos, porém não a de Faculdades, e um mapa da organização departamental que não é o que desejava o governo da UCM, ainda que a nosso juízo também não seja bom para a universidade.

A história do Plano de Reestruturação da Universidade Complutense é um exemplo de como a satisfação de determinados interesses e a ambição de gestores, professores, centros ou grupos pode dinamitar a universidade pública

Pensamos que o problema descrito neste Informe Internacional tem uma origem muito grave na própria universidade e no seu pessoal acadêmico e administrativo. Como o “Manifesto Acadêmico” afirmava, “*divide e vencerás* funciona porque todos o aceitamos”. A história do Plano de Reestruturação da Universidade Complutense é um exemplo de como a satisfação de determinados interesses, e a ambição de gestores, professores, centros ou grupos pode ser a arma que esteja dinamitando a estrutura da universidade pública.

Como indicam nossos colegas Jozef Hvorecky, Emil Višňovsky e Matúš Porubjak⁴, da Eslováquia, é a autenticidade da essência universitária que está em jogo e que se põe à prova nestes processos de reestruturação.

No caso da Complutense, houve vergonhosas retiradas

de faculdades da frente oponente ao plano de desaparecimento de centros, tão logo negociaram sua própria salvação com a Reitoria. Muitos diretores e decanos negociaram blindando sua faculdade em troca de uma estrutura interna que fundia departamentos não afins e deixava intactos outros, amigos. Alguns acadêmicos inautênticos apoiaram o plano desde seus inícios, para conseguir situações de privilégio.

No caso da fusão na Complutense, a habilidade negociadora de determinados grupos, e suas boas relações com a Reitoria da UCM, permitiram que subsistam Departamentos com cerca de uma dezena de membros, dotados de secretaria administrativa própria, com voz e voto nas congregações respectivas, enquanto se obriga os opositores a formarem Departamentos de até 180 professores, perdendo ampla representação nas congregações e os postos administrativos necessários. No caos de uma comunidade na qual, em determinado momento, governam professores e gestores movidos unicamente pelo interesse próprio e pela falta de ética, é fácil adivinhar que os resultados acadêmicos não são bons para ninguém.

Na situação atual, o reitor da universidade afirma haver “finalizado” o processo de reestruturação. Na realidade, o mau funcionamento organizativo e as possíveis demissões e novas divisões do corpo docente em grandes grupos não especializados não fizeram mais do que iniciar-se. Os novos Departamentos, muitos dos quais superam os 100 professores, são “sacos” onde se optou por enfiar todos os professores. Os conselhos desses Departamentos não podem se reunir numa sala de aula, porque os professores não cabem nelas. No entanto, habitualmente a quantidade de professores que comparece a estes conselhos não chega ao quórum mínimo. Em muitos casos, tem início uma distribuição de poder menos equitativa que a anterior, maiores injustiças e sobretudo uma organização que zela muito menos pela qualidade da docência.

Como vimos nos exemplos dos países nórdicos, a resistência é possível.⁵ O pior dano que pode causar à universidade o processo de produtivismo é o dano anímico e na autoestima da comunidade universitária, que nesses processos cai muito e perde toda a força de resistência. Os sistemas de medição da excelência são realmente deprimentes para todos, e uma vez perdida a estima institucional e o respeito por si mesmos, perde-se o poder de

autocontrole e de auto-organização, como nos ensinam os psicólogos. O caos e o desamparo são a prova diária desses planos “finalizados”.

Não se pode forçar e fabricar o conhecimento e as descobertas, nem é possível acumulá-los matematicamente. A única forma de elevar o conhecimento é o investimento constante, estável e a longo prazo na pesquisa e docência livres e independentes

Como dizíamos, a nosso ver o principal inimigo da universidade é a própria comunidade acadêmica. É ela que compõe os governos universitários, que figura nas comissões de avaliação, que avalia de maneira injusta, que cala quando recebe um favor ou que aceita a fusão com uma faculdade rival para conseguir um posto a mais no Conselho Universitário. O processo de desvalorização das universidades públicas começou quando falsos acadêmicos ocuparam cátedras imerecidas e quando acadêmicos sem espírito universitário autêntico começaram a governar essas instituições, inventando sistemas de medição e de organização adaptados às suas próprias carências.

Num país como a Espanha, assediado por problemas de corrupção, uma cultura de impostores gera instituições sem horizonte, ou busca no dinheiro e na ambição a única satisfação para uma carreira fictícia. É daí que surgem os *rankings* pedantes, as avaliações canibais e a desigualdade e injustiça na mensuração do autêntico valor acadêmico.

Acreditamos que somos muitos, como demonstrou o “Manifesto Acadêmico”, os professores e pesquisadores que, agrupados, podem mobilizar a opinião pública e denunciar esta grave deterioração da função educativa superior. Simplesmente despertar a consciência dos pesquisadores já seria ter a batalha ganha. Porque até agora o Lobo estava disfarçado. Porém, se conseguirmos arrancar-lhe o disfarce de “qualidade” e “excelência”, e revelar seus verdadeiros fins, haveremos acabado com sua base fundamental.

A universidade produtivista se impôs a partir de uma mentira essencial, e uma inconsciência geral: que se pode forçar e fabricar o conhecimento e as descobertas, e que é possível acumulá-los matematicamente. A única forma de elevar o conhecimento e aumentar a inovação na sociedade é o investimento constante, estável e a longo prazo na pesquisa e na docência livres e independentes. Fingir que não é assim, ou ignorar essas condições, é um suicídio social e econômico.

O “Manifesto Acadêmico” e este Informe Internacional não poderão ser subestimados nas próximas eleições

de reitores e decanos na UCM ou nas futuras revisões críticas dos processos de avaliação e acreditação em todos os níveis. Se conseguirmos despertar a consciência global acadêmica a respeito desta situação haveremos ganhado metade da batalha. Podemos usar para isso as próprias publicações científicas e os sistemas de citação e de comunicação internacional entre as academias. Portanto, podemos dizer que graças ao “Manifesto Acadêmico” os trabalhadores das universidades do mundo estarão (no futuro, e com a difusão científica e o eco internacional nas revistas adequadas) por fim unidos.

NOTAS

1 “La Universidad Complutense de Madrid y el *Manifiesto Académico*: rasgos comunes de una crisis global de la educación superior”, disponível em Halffman, W.; Radder, H. (2018). “Respuestas Internacionales al Manifiesto Académico: Informes desde 14 países”. *Cuadernos de Información y Comunicación* (CIC): <https://revistas.ucm.es/index.php/CIYC/article/view/60686/4564456547536>. Trata-se de uma versão atualizada do texto originalmente publicado no *follow-up* do Manifesto sob o título “Complutense University of Madrid and the Academic Manifesto: Common Traits of a Global Crisis in Higher Education”.

2 Professora titular do Departamento de Jornalismo e Novas Mídias da Faculdade de Ciências da Informação da UCM. Foi chefe do Departamento de Jornalismo III até sua extinção em 2017. É especialista em comunicação, informação e novas linguagens digitais. Publicou os livros *Teoría de la Información y la Comunicación Efectiva* (1998), *Comunicación y retroalimentación* (2000), *La información determinante* (2010) y *Las diez leyes de la Teoría de la información* (2015). Dirige o Grupo de Pesquisa “Estruturas Comunicativas e Interações nos Distintos Níveis da Comunicação”. Liderou a Plataforma para a Reestruturação na UCM em 2016.

3 *Juntas de Facultad*.

4 Referência ao texto de autoria desses autores “Striving for Academic Authenticity: A Slovak Position in the Context of the Academic Manifesto” (“A luta por autenticidade acadêmica: a posição eslovaca no contexto do Manifesto Acadêmico”), publicado no *follow-up* do Manifesto.

5 Referência ao texto de Anita Välikangas “Anxieties and Tensions in the Nordic Model—Finland and Scandinavia” (“Ansiedades e tensões no Modelo Nórdico – Finlândia e Escandinávia”), publicado no *follow-up* do Manifesto.

REFERÊNCIAS

- Halffman, Willem and Hans Radder. 2013. “Het Academisch Manifest: Van een Bezette Naareen Publieke Universiteit.” *Krisis: Tijdschrift Voor Actuele Filosofie* (3): 2-18. <https://goo.gl/ZV79Jp>.
- Halffman, Willem and Hans Radder. 2015a. “The Academic Manifesto: From an Occupied to a Public University.” *Minerva* 53 (2): 165-187.
- Halffman, Willem and Hans Radder. 2016. “Manifiesto Académico: De la Universidad Ocupada a la Universidad Pública.” Traduzido por Eva Aladro Vico. <https://goo.gl/VSEQp6> - *Cuadernos de Información y Comunicación* (CIC) 22 (2017).